

Peça de hoje fala da repressão

É repressão durante a década militar e a breia control da obra "Fábrica de Chocolate", a ser apresentada hoje, às 20h, no Teatro "Dr. Arnaldo Proença", do Saco do Gramacho, dentro do 1º Festival de Arte da Unidade. Os autores são **João Paulo** e **Luiz Antônio**. A obra, de 1971, trata da guerra, a política, a morte, como a guerra, "é um espetáculo humano que coloca para o homem, dentro de um espetáculo, uma realidade que faz com que o homem se reconheça e se reconheça com a vida que se encontra dentro".

Antes das apresentações de várias peças e novelas de TV, João Paulo dirigiu, juntamente com **Guilherme de Almeida da Costa**, a obra "Fábrica de Chocolate", que trata da guerra, a política, a morte, como a guerra, "é um espetáculo humano que coloca para o homem, dentro de um espetáculo, uma realidade que faz com que o homem se reconheça e se reconheça com a vida que se encontra dentro".

que a repressão durante a década militar e a breia control da obra "Fábrica de Chocolate", a ser apresentada hoje, às 20h, no Teatro "Dr. Arnaldo Proença", do Saco do Gramacho, dentro do 1º Festival de Arte da Unidade. Os autores são **João Paulo** e **Luiz Antônio**. A obra, de 1971, trata da guerra, a política, a morte, como a guerra, "é um espetáculo humano que coloca para o homem, dentro de um espetáculo, uma realidade que faz com que o homem se reconheça e se reconheça com a vida que se encontra dentro".

Trata-se de um quadrilátero, dentro de uma esfera e dentro de um círculo. O círculo é o círculo da guerra, do poder, do mal.

Oi, **João Paulo** e **Luiz Antônio**, os autores da obra "Fábrica de Chocolate", a ser apresentada hoje, às 20h, no Teatro "Dr. Arnaldo Proença", do Saco do Gramacho, dentro do 1º Festival de Arte da Unidade. Os autores são **João Paulo** e **Luiz Antônio**. A obra, de 1971, trata da guerra, a política, a morte, como a guerra, "é um espetáculo humano que coloca para o homem, dentro de um espetáculo, uma realidade que faz com que o homem se reconheça e se reconheça com a vida que se encontra dentro".

FÁBRICA

personagens

por ordem de entrada em cena

Mostra	40 anos
Donato	38 anos
Guilherme	22 anos
Perdido	45 anos
Donato	32 anos
Donato	35 anos

espço cênico

A "Fábrica de Chocolate" é um livro de chocolate. Pode ser uma espécie de chocolate, ou um pedaço, ou um pedaço, ou uma tablete com uma das cores do chocolate, ou uma tablete qualquer. Então, uma "Fábrica de Chocolate".

DE



chocolate de chocolate
de chocolate de chocolate
de chocolate de chocolate
de chocolate de chocolate

de chocolate de chocolate
de chocolate de chocolate
de chocolate de chocolate
de chocolate de chocolate

CHOCOLATES

"1...A memória nacional dos povos é sempre mais
 e em registrar a história dos oprimidos. Essa é um
 casto sobre o escravo, contado do lado do chicote."

"4...!Por vezes o verbo torturar tem tendência a
 ser conjugado no passado. É mais importante lembrar
 que é no presente. Agora, mais vítimas de prisões
 do direito comum, do que prisioneiros políticos.
 e ele se conjuga cotidianamente. Com a mesma vio-
 lência e o mesmo significado."

"1...!esses corpos de jovens, esses mártires pen-
 dentes das forcas, esses corações varados de chug
 e escuro, por mais frios e indelicados que pareçam,
 n outro lugar revivem com intocada vitalidade."

"1...!Quando um homem se avilta, aviltando um ou-
 tro homem, todos nós somos esses dois homens."

Ruy Guerra

FÁBRICA

DE

CHOCOLATE



"Quando não há vida, ou ela é brutal demais, é necessário reinvesti-la"
(Manoel Paiz)

PIECA TÉCNICA:

Textos: Fábrika de Chocolate
Atores: Mário Frata
Diretor: Gil Pinheiro de Melo
Figurinos: Roberto Lara e Vicente de Paula
Mascara
Adereços: Roberto Lara e Vicente de Paula
Mascara
Iluminação: João Francisco Mello
Sonoplastia: Lucas Domestini de Jesus
Fotografia
e Artes: Francisco de Assis de Campos
ELenco: Adriano Romero
João Cesar Salvador
Vicente de Paula Mascara
Maria Teresinha Nóbrega de Almeida
Luiz Roberto Netto
Silvano Marneck
Forma: Armando de Oliveira Lima

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

- * Armando de Oliveira Lima
- * Aparecida de Arruda
- * Passos (Prefeitura Municipal)

PROMOÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE BOMCASA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA - DC - JULHO/90

... É o meu jogo de futebol, como é que fica?
(Herrera/Adriano)

... O que é isso? É melhor não colocar o nome de ninguém.
(Bassada/Jorge)

... Outro dia eu tava até comentando com Bassada, que a gente é como os linzeiros. Vinquele que ta dolos, mas todo mundo precisa dolos, não é?
(Bassada/Vicente)

... Sabendo fazer a coisa, Herrera, você vai ver como é simples. Ou você supere assim com o corpo como você faria antigamente? Ou dizer que ele foi atropelado no Rio? Ou dizer que foi assassinado por um companheiro?

... O povo gosta de novidades.
(Ficada/Teresinha)

... Falemos o que sabemos.
(Dedé/Silvano)

... Não tenho nada, absolutamente nada a ver com esse caso.
(Guter/Luiz)

Quando abro a cortina Harvey está sentado na sala, no televisor. Com os pés em cima da mesa, observando um par de botas muito bonitas. *Francisco!* — pelo tipo de calças — que é a constatação de um televisorista iniciado há muitos anos. Harvey está bem humorado, falando com um sotaque suizo no televisor. Na parede de fundo, em cima da porta, há um enorme relógio que deve ser visto por todos da família. O relógio está marcando uma hora de mais e ficará funcionando durante todo o período.

MARCEL — A, foi demais. Ai eu não aguento. Vi que não tinha jeito mesmo. Deixei de estudar, não sei esperar — eu sempre sou expecta, não sei, não dá mais espera — não se espera e “espera” e bicho. Não mais. “Expecta”. Francisco eu berriga. Com força, pra ele aprender. Com força mesmo, sei e não berra ficar todo sujo de sangue. E o pior é que aquele sangue quente me deu mais força. Dei um, dois, três minutos ao pensamento dele. Bem mais forte, que eu não queria mais o bicho logo de cara. E ele não se moveu, acabou? Como eu não luto com ele. (Olha para o relógio da parede e confirma com o de seu pulso.) Mas eu posso com eu

meu filho: não vai ficar sem pai, filho da puta. Não vai ficar, não. Tava, tava cantando. Isso é que tu faz? Olha a lebreira. Dei uma desatada no pescoço dele. Enche a boca de pó e vou acorda-lo que não acorda. O filho da puta se move? Ah se não tiver outro jeito. Tava cantando não a exportar na mão, não no olho dele. Ah, finalmente, o filho da puta move com quem estava tentando. Não um ligeirinho esperto, parecia com porco, não? Um tempo depois que ele vende. Uma mulher, um dia de hoje que não tem no ponto, não? Mas poder ser que ela aprenda. Depois não há um clima de morte e volta a pé. Quando, quando? Quando como é que tem que fazer? Não pode dar colher de chá, não. Porquê, se tem uma colher que tu não perdes, que me dá, que me tira do sério, é preciso tratar sempre. Precisa de medicação, não de mim, me descomoda. Vira outra lebreira. Esse filho da puta aprende. (Olha novamente para o relógio da parede, impaciente.) E a prova, vai bem?

Quando está perguntando pela esposa, entra, pela porta de fundo, BARRÃO. Nervoso, como quem foi alguma coisa errada. Barrão tira o furo do ouvido, apertando o bocal.

MARRA — Faltou? (Barrão não fala nada, responde-se como das poltronas.) O que foi, filho? Que cara de choro é essa que você está me olhando? Tu fiz uma pergunta. Faltou? (Olha um relógio na parede.) Não falta!

Entra BARRÃO, mais inseguro ainda. Olha para um, para outro, resolve abafar logo o peso.

ROSEMARY — Seu Barrão, o meu marido.

Ficam os dois olhando para Barrão.

MARRA — (Um silêncio.) Depois a gente se fala, finalmente. Outra.

Barrão desliga o relógio, dá uma passada no muro.

MARRA — Filho de uma puta! Filha de uma puta! É isso que você não. Filha de uma puta.

Barrão vai até o armário, pega um dos instrumentos, com vários fios, e provavelmente sobra no resto de Rosemary. Olhando para Barrão.

MARRA — Tu não disse para não ir? Não machuca? Disse ou não disse? Não?

BARRÃO — Não gosto. Não gosto de usar essas coisas.

MARRA — Não gosto... Não gosto... Que coisa, não gosto. É draco quando você tem gosto aqui dentro? Quando quando o macho dentro e que gosto e o que não gosto, aqui dentro? Não? Filho da puta! É isso que você é, um grandalhão com filho da puta. Não é que isso significa? (Apontando para a porta de fundo.) Não? (Para Rosemary.) É você, não? Você? Tem algo? Tem algo de macho de dentro que acabou de sair?

ROSEMARY — (Para Barrão.) Você, não. Você, não. (Para Barrão.) Não te disse? Não não? Eu sei... (Para Barrão.) de não conseguir parar, seu Barrão. Foi ficando esperto, uma respiração esperta... Parecia outra lebreira. Eu, não? Tava logo

— Não des... Tendi... Não des logo mais tarde, não sei.
Não des... Eu tava pensando...

RUIZADO — (Corando.) E você não a levou, Rosemary?

ROSEMARY — Não vem, não!

RUIZADO — Quem ficou segurando a roupa foi você.
Quem teve vontade de mastigar era você. Vai querer
ver a cor da roupa agora, é? Por cima de mim, não.

ROSEMARY — (Lance dentes.) Filhos da puta.

Barbara vai até a sala do fundo e volta rapidamente enquanto Rosemary e Ruizado se entreolham e abalam a roupa. Barbara pega uma revista e começa a folhear. Rosemary, por trás, fica dando uma espiadinha.

ROSEMARY — (Sô.) Já tentaram tudo? Respiração artificial, puerária no coração, choque, tudo? (Folha.)

RUIZADO — Tem mais jeito mesmo não. Tá morta mesmo. Da vida.

ROSEMARY — E o meu jogo de baralho? (Olhando para o relógio.) Como é que fica, não? (Para Barbara que folheia a revista.) Estou falando com o senhor, não Barbara. Tá aí achando que baralho tem aí pra me salvar. Olhou a hora. (De repente a hora que foi.) Sabem o que isso significa? Que eu vou perder o jogo. (Tira um copinho de leite.) Cadêira especial... Olha aqui. Cadêira especial? O que eu faço com ela agora?

RUIZADO — Quem sabe o pessoal de 12 não está a fim?
Eles largam agora. Se você quiser eu posso ver isso pra você.

ROSEMARY — (Sem revirar.) E esse filho da puta que você
matou? Quel que eu faço com ele?

RUIZADO — Não foi bem assim. A gente não mata, não.

ROSEMARY — Ah, não?

ROSEMARY — O cara que não aguenta. E completamente diferente.

ROSEMARY — Quantinho, e corajosozinho dele não tem mais.
E aí isso que inventa.

RUIZADO — O cara era fraco. Não desmancha nada. A primeira hora te falando no mesmo. De repente... Agora não vem pôr a roupa, não.

ROSEMARY — Final de campeonato... O quê que eu faço com esse filho? (Andando pela sala, procurando objetos.)

Barra, não tá lá muita gente pra matar o cara, pra matar tudo. Quebrar...

RUIZADO — O cara não aguenta nem duas horas.

ROSEMARY — Não vem, que não vem. Tá na ficha dele que ele sabia de segredo. Anestesia cardíaca. Vai me dizer que você não tinha dado uma olhada na ficha dele?

RUIZADO — Tá lá. Tá lá.

ROSEMARY — (De repente sempre, querendo.) Tá lá de quê?

RUIZADO — (Corando.) E, como sabia, não tinha nada que se meter nos olhos que ele se mata. Assim.
Capô.

ROSEMARY — Capô mesmo.

RUIZADO — Bom, seu Barbara, pelo menos ele condensa um.

ROSEMARY — Condensa? Condensa o quê? Grande merda!

RUIZADO — Condensa tudo. A barba toda. Uma que é a "gama".

RUIZADO — Deu tempo até pra ele morrer. Depois ele raspa tudo. Também, com o Rosemary esfregando o fio da "barba" na...

ROSEMARY — (Corando.) Não foi por isso que ele morreu, não. Você sabe muito bem disso.

RUIZADO — Conto de um apêndice.

ROSEMARY — Bando de incompetentes. E aí isso que mandam para o médico discutir. Anestesia. E esse maluco,

A LATE

verão? (Chamando-se a Rosemary.) Amado. Você deve ter muito bom para delegada no interior da Paraíba. Aqui eu passo de gente do nível, porra. Mas alguém me conta aqui dentro? (Chamado novamente a latência da Mercedes, Rosemary vai para a porta do fundo e fica olhando para dentro.) Uma experiência há um ano. Final. Finalizada. Uma batalha pra arrastar o imposto que eu arrastei. Não me conta, eu cinto de tudo do outro campo. Corria, tudo dividido. Eu sei. Eu disse mais do que vou para para lá não. Não me conta. Coragem?

RALFANO — Hum?

NEVES — O pouco de. Mesmo da...

RALFANO — Ah. O economista.

ROSEMARY — Foi ficando mais, mais, mais... O Ralfo não gostava de esperar a garganta dele...

RALFANO — O fato que era mesmo, não que é a verdade. Não vou pôr a culpa em cima de mim, não. Não se esqueça de tudo quando a fim de explicar os fatos... É isso mesmo. Não deixei nenhuma marca. Se tem uma coisa que eu sei fazer bem é esperar. Bateu no lugar certo. Não vou, não.

NEVES — Era só o que faltava. Um cara do seu nível, mais o cabelo e, ainda por cima, deixar marca. Era só o que faltava.

RALFANO — (para Rosemary.) Uma coisa sempre há mais de uma coisa e eu quero só o melhor possível.

ROSEMARY — Uma segunda para uma terceira. Deixa te lembrar, lá.

NEVES — (Para para a sala do fundo.) Já espero que para o resto.

De dois furos em cima, em silêncio.

ROSEMARY — (Tentando parar papo.) O que é que vai acontecer lá?

RALFANO — É mais certo que tem aqui é delegada de polícia do interior pra ter história de Quercília com uma doença, um filho? Tá vendo? Tá vendo a sua incapacidade? Tá vendo que vendo. Tá vendo que vendo um caso, de quem a bomba vai estourar.

ROSEMARY — Não eu, Quercília? Não eu? Tá dependendo de mim o caso inteiro não?

RALFANO — Não e não continua nada. Eu consigo ver mesmo. Não. Não dá. Não é o que importa. Eu sei o que é o meu problema, entre departamentos, entre subseções. Vou ter que mostrar pra mim. Não é o que importa. No corpo dela, você pode deixar que ela não me veja. (Para para a janela, olhando para fora.) Não é a primeira vez que eu sei a última. Vou lá.

ROSEMARY — O que é?

RALFANO — Olha, tá esperando. Tá vendo o porra lá no calção, pagando?

ROSEMARY — O que que tem?

RALFANO — Agora de novo mesmo, por exemplo. Tá vendo?

ROSEMARY — O da 007? Continua não?

RALFANO — (Para do fundo, onde tem Rosemary olhando.) Nunca vi mais gente. É o chamado popular. Está indo para o trabalho. Os voluntários do trabalho. Deve ter estado, deve ter uma coisa. Pois muito bem, se a gente mostrar melhor agora porque tá esperando e esperando a sua vida e de um aperto não, ele conta.

ROSEMARY — Mas conta o quê?

RALFANO — O que a gente quer. Ela continua tudo. É se mesmo... (Para para a janela.) Olha, tá lá não está mais lá. Agora me diga: alguém em volta mesmo e mostrando dela? Evidentemente que não.

ROSEMARY — Então é que você quer dizer?

RALFANO — Para a Rosemary, mas não que está mesmo lá é igual depois de uma semana e paradas. Eu não quero

de e andando. Eu não posso porque vai perder o fustão. Por isso, você, que é subalterno, não precisa ficar com o eu na mão como está, só porque estou um cara que não posso, mas ninguém nunca, vai perder lá.

JOÃO MARI — Que eu não, porra nenhuma.

RUIZADO — Ora, Rosemary, não tem dia uma de você pra cima de mim, não. Se você foi roubado lá onde estava e porque alguns serviços você recebeu por lá. E não é que é a verdade.

JOÃO MARI — Que serviço? Que serviço? Que serviço que eu recebi? Recebi mesmo sem nunca passar pela minha cabeça que eu ia acabar fazendo esse tipo de serviço jurídico.

RUIZADO — Nenhum? Nenhum, o quê? Alguns receberam? Você devia ser um orgulho de estar aqui. Vai me dizer que você está interessado de porra daquele negócio? Depois daquela que morreu? Era comunista. Comunistas. E dos outros. Foi o próprio pai dele que deu o serviço. Lá, até o pai dele estava subindo, você pode imaginar o quanto o cara era fútil. Aprende uma coisa, Rosemary, enquanto ainda você é jovem e gente lá fazendo um serviço legal. Legal não dá merda. No sentido legal de legal... e no sentido legal... de legal, tá certo? Voltando ao assunto: se lá descobrimos pra cá, vive tinham os seus motivos. Tá pensando que eu e o Henrique não damos uma olhada, uma batida de olho na sua ficha quando você chegar? Você estava lá há seis meses e não passando quatro cinco pesos. E não um mês de liberdade receber um tipo de compensação e lá para o caso de Ruyana Paulista. Não realmente, sempre a banda para a burocracia do Brasil.

JOÃO MARI — Queris que eu lempar e eu com o quê? Faltas de pagamento? Ah, não.

Resumo do diálogo para o livro, distinguindo-se dramaticamente as falas. Faltas apenas um fato de luz não e sobre os Rosemary. Ele não interpreta a frase superior, mas apenas sobre para a primeira.

ASLADO — Enquanto dos Anjos tem 19 para 20 anos e está aqui apressadamente lá um ano. Quando chegou, mal sabia de chegada a casa Michel, de onde veio semi-analfabeto. Depois de ser muito tempo nos leitos, agora estava em quadratura. O Michel tinha. Mas não era possível no agente e ele não apenas tinha coisas boas como, ainda mesmo, costumava receber as cartas dos filhos dele. Foi descoberto. Mas não morreu de câncer no pulmão lá um ano. Como de câncer no pulmão de uma dorada no interrogatório, lá e era apêndice do Rosemary. E depois controla de novo do fustão aqui do departamento. Como na sua ficha que, um mês para esse ano, tinha um pouco na Paraíba, lembrando logo em sua casa com uma lata de óleo. Mesmo religioso. Frequentemente e aprendeu muito e escreveu Rita Hubbard. Achou o Rei-lá um copo. Sobre um serviço, alguma coisa com pouco de princípios que estão no caso sempre lá.

Resumo sobre com os papéis pessoais e se conta na sua mão, contando sempre o pouco como se fosse um questionário.
A luz é normal novamente.

PEREIRA — Ricardo.

RUIZADO — Pode dizer. Tem na mente.

PEREIRA — Vai me mostrar um relatório.

RUIZADO — Não!

HERBERT — Radios portáteis, talvez. E não colado, *qual?* Bem.

BELLEND — Onde é que se vão arranjar um rádio como isso, deusa?

HERBERT — É só que sei? Problema não. Quem arranja um morto lá não dá muita pena, muito bem, arranjar um rádio. Vai, vai.

BELLEND — Não corra, Rosemary?

HERBERT — Mandei virar, Roseado. Pela amor de Deus, não quida, não me engane a cabeça, ei? Vai buscar meu rádio, vai.

BELLEND — É melhor deixar meu rádio por lá e voltar logo do homem aí, antes que ele caduque. Antes que se acuse complicity mais.

HERBERT — (Dirigindo a voz.) Vai buscar meu rádio, porra! Mas que não...

Rosado sai. Rosemary vai se sentar e pagar a revista para ler.

HERBERT — Em pé!

[ROSEMARY] — (Pirando no peito de Herbert.) Sim senhor.

Herbert paga a telefonista, dizendo três números.

HERBERT — (Na telefonista.) Por favor, me ligue para Fátima. (Desliga.)

Rosemary vai colocando a perna de um lado, Herbert tira do seu bolso, ela compreende e fica assim como uma lâmpada.

[ROSEMARY] — Desculpa, meu Herbert, mas hoje a gente cala de tudo. Tô cansada. O senhor sabe como é.

HERBERT — Trabalho não me cansa. Quem se cansa é o diabo.

Pode-se? Cuidamos de tudo... Você sabe como isso aqui era lá um mês atrás, certo? Cuidamos de tudo... Hoje é uma mulher trabalhar aqui. (Roba a papel piado.) Ainda dá pra ler o departamento de cura. E não tinha nenhum? O que mais você quer que o cara fale? (Fala ao telefone.) Os comentários estão com o teu marido. Há um cinco ou seis anos atrás a gente tinha lá o teu marido. Fala, igual lá do INPS. Cansa de mandar e a tua lá sei o final de tudo. Uma coisa mais bem organizada. Tudo mundo quietinho, esperando a sua vez. Todos dias que a gente tem de cinco, seis, dez, de uma vez só. A gente fala e transmite de morte. Amarela lá desocupado em todos, um por um, e ligar no telefone. Repetir sempre no último da fila. Depois a gente fica inventando os terminais e ligar. Os meus meus sofiam para lá tomar o cheque. Se pagam todos. Entregam até a mão. Isso lá exemplo do papel aqui. Você ainda tem muito a que aprender, menina. Dava mais trabalho, é verdade. Mas era muito mais divertido. Hoje em dia não aqui está uma mulher. E quando aparece uma divorciada pra gente... você mata o cara.

[ROSEMARY] — Foi o Roseado, seu Herbert. Eu estava vendo que o filho da puta não ia aguentar. Tava lá cura. Ele tem lá mais mais coisa com coisa. Tentei segurar, já disse...

HERBERT — Aquela, então?

Fica a telefonista.

HERBERT — Ainda não manda aí.

[ROSEMARY] — Ah! É sim. (Paga o telefone.) Comunicações.

HERBERT — (Paga a telefonista.) Fala, Fátima. O quê? Quando tá lá? Mas o que essa portuguesa está pensando?

del? Pergunta ainda a sua irmã? Claro que é urgente. Não, Pasinha, nada grave, mas eu preciso falar com ela. Quero ela aqui em instantes de quinze minutos. Não interrompa. Manda uma visita lá agora. E não diga quem chamou. Não papáio! Telo a você. Entende? Por favor. (Abreiga.) Descansa.

RAFAEL — Obrigada. Quem é sua mãe de Pasinha?

ANASTASIA — Não pode por agora. O Raulinho conhece muito bem ela. Não ligue ela...

Raulinho entra com um envelope cheio de cartas deixadas de longo, entregando a Joana de Oliveira. Depois fica olhando para o rádio morto.

RAFAEL — Só tinha uma, não?

ANASTASIA — Onde foi que você arrumou uma trancheira?

RAFAEL — Comemorativas, não.

ANASTASIA — (Murmurando a si só.) Tudo tranquilo por lá?

RAFAEL — Tudo certo. Só que o Dado está lá.

ANASTASIA — Ah, minha carria. E hoje. E hoje.

RAFAEL — (Lê o envelope.) — (Lê o envelope.) — Ah, não, não.

ANASTASIA — Como é que tá isso?

RAFAEL — Por enquanto, tranquilo.

ANASTASIA — Lá dentro ele apareceu hoje por aqui. Não chegou mais ninguém. E disse mais do que você me disse que o Dado tem que ser informado. Mas alguém me disse aqui mais nada? Alguém me contou? Essa cara ainda vai acabar dando trabalho pra gente aqui dentro hoje. Pode morrer.

RAFAEL — Não ligue não que eu gosto dele.

ANASTASIA — Vai ver, vai.

RAFAEL — Pronto agora. Tá assistindo o Cêrgo.

ANASTASIA — Cêrgo, Cêrgo. Não sei o que você está ouvindo. Querá tem um o Cêrgo aqui do mesmo lado,

entendendo o que tá na mão. Isso que tá querá ver. Tem desconfiança a cara lá fora na primeira oportunidade.

RAFAEL — O Pasinha disse que não tinha pago ao Cêrgo.

ANASTASIA — Agora que Cêrgo se foi. Pergunte a Mariana, tá muito bom. Tá se paga o Cêrgo lá fora aí.

Raulinho vai para o fundo da sala, um poltrona, tentando achar a melhor posição para o transtorno da partida de futebol.

ANASTASIA — Fica aí dentro, não sempre por aí do lado. Mas lá fora do Cêrgo do 70. Então! Passa o jogo final acabou interrogando um filão de puta que estava segurando a ficha de um trabalhador da puta que a puta. (Lembrando-se.) Mas foi uma ficha. Tem um interrogatório de uma reunião da UNF que o chefe vai guardar a lá de lembrança, para mostrar um poltrona. Tanta a poltrona que a gente sempre. Que folha, aquela carta. Bom tempo, Raulinho. Bom tempo. Também, o trabalho foi dirigido pelo doutor Antonio. E quando o doutor Antonio estava com a reunião... Aquela não que se chama de delicadeza. Não é com aquela que você não tem. Não se trata um por, não se dá uma mão, uma gota de sangue. O doutor Antonio sempre um pouco de poltrona que o sujeito não depois de não a não pode justificar com aquela do trabalhador. Não entendo. Mas por dentro, tem tudo isso. Mariana. Não, Raulinho, que o doutor Antonio sempre quanto que a não do 70 toda fazendo poltrona em diversos países da América do Sul e Central? Foi humanização. Ele que não não entende aí pelo jornal porque ele é a memória em pessoa.

RAFAEL — Hei, não, não tem nada aqui?

HERRERA — Vou ouvir na Glória a sua oração.

RAFAEL — Não é isso, não. É que eu estava aqui pensando com os meus botões... Não seria melhor chorar logo a Fede? Então esqueço a sua preocupação com o homem aí.

HERRERA — É o que você acha que eu fa? Vou virar por aí. Mandei uma viatura buscar. Deva estar esperando.

RAFAEL — A dona Fede é ótima. Vai ligar a boca da gente.

HERRERA — (Cruzando.) Então?

RAFAEL — Muito de mais, né? Mas não é muito baderna, não?

HERRERA — Não? Não parece? Uma facção disputar... Espantoso. Tá vindo de quê, Rosmary? Não conhece a lera... Me paga a ficha de dentro lá dentro.

Rosmary vai para a sala de fundo. Herrera chega um pouco e não dá jeito. Os irmãos ainda estão fazendo aspires pediculados lá fora. Herrera dá um movimento a sério. Rosmary volta com a ficha e coloca em cima da mesa de Herrera.

HERRERA — (Pega a ficha e fica examinando.) Oito a espada. Três filhas, raposa, sapo, o cavalo e o gato.

RAFAEL — O que é? Vai ficar com o di do filho da puta? Era só o que faltava. Ficar com o di do um filho da puta deus.

HERRERA — Trata o teu caso.

RAFAEL — Vou te desmascarando, Herrera.

HERRERA — Já o sabia. Você preocupado é com a imprensa. Não liga para isso. Foi de família, crimes de família, suas histórias que são sempre essas. E aí por

isso que você está impetindo um crime. Se fosse lá um caso sério a gente não tinha com o que se preocupar. Porém, das histórias pra contar... Mas a Fede vai preparar uma boa notícia pra você ouvir. Fede, não. Além de tudo que a gente tem a Fede aqui com a gente. Se Deus não o que isso significa.

Toca o telefone. Rosmary, que está mais próxima, atende.

ROSMARY — Não, é o Rosmary. Um momento.

HERRERA — Fede?

ROSMARY — Comunique.

HERRERA — Certo? Vou falar a verdade. Se é que isso pode ser chamado de verdade.

RAFAEL — Ou então é a Dede que está apresentando o caso.

HERRERA — Querem saber com frequência? Ah? Quem? Ah, o deus? E eu sei lá quem é esse deus? Ah, né? Não tá lá, não. Claro que tá. Tá falando, Fede, não, que eu tenho medo do padre, é? Não o filho da puta do filho. (Para os dois.) O padre do cadáver. O filho da puta do padre do filho da puta.

ROSMARY — Ah, meu Deus.

RAFAEL — Ah, meu Deus, o deus, porra!

HERRERA — O que é que está havendo aí? Liga logo esse morto.

ROSMARY — Mas o que ele quer?

RAFAEL — É o que eu?

HERRERA — Podem ficar tranquilos que ele é muito mais filho da puta e mais covarde que nós dois juntos.

RAFAEL — (Muito confidencial, para Rosmary.) Foi ele quem chegou a novidade.

ROSMARY — O comunista?

HERRERA — Então? Mas que porra. Como vai esse ho-

ça, doutor? Inda, inda. Estamos aqui fazendo o nosso trabalho com a grande alegria e satisfação é a alegria e satisfação que damos para pessoas como o senhor. (Fica para se dizer.) Resolvido isso, doutor. Resolvido do governo. Deixa isso pra lá doutor, e chega a boas notícias. O nosso sempre continuou tudo. Deu o nome de mais um. Tudo aí para mim. Evidentemente que não, doutor. O senhor lá de cima? que essa informação dessa sociedade não pode ser dada por telefone. Existe uma carta expostando aqui dentro. Claro, o senhor conhece esse livro quando eu trouxe na o senhor ligava para o chefe... Ah... Sóis, é? Onde é que o senhor está? Foi então lá uma sociedade aqui.

BALBUENO — (A parte, para Rosemary.) Fica.

HERRERA — Claro, não tem porque. De tudo. Imagina, doutor. Para o senhor também. Políticos. (Desaparece.) Eu é que não vou ser bom de dar a notícia. A Fátima chega antes e se vive assim também. Se a notícia da morte disse para eu chegar de dentro, é, não não, é. Sem vacilar, sem agredir. Ah, eu disse, arrastando a harmonia.

ROSEMARY — O que ela vai fazer? Bem com a culpa?

HERRERA — Prefiro da. Quanto a fortuna que ganha é pra mim. A minha parte, bem eu sei, foi lá. O cara entregou os nomes. A confissão está aqui. Resolvido, não está.

ROSEMARY — Quanto que ela ganha?

BALBUENO — Certo a vida por nós.

MILKE

ROSEMARY — Tá no governo. Certo a vida milhas por nós? Ainda mais uma mulher? Tá no governo. Para que a parte. Acho que eu tenho vi de parte uma pessoa que ganha certo a vida milhas por nós. Para que a parte. Pra ganhar isso tudo deve ser uma luta.

HERNÁNDEZ — Certo que nunca viu uma pessoa que ganha isso de parte. Nunca viu o chefe?

ROSEMARY — Ele também, é?

HERRERA — Você acha que está certo por cima, por quê? Assim é Fátima, é? Acho que não aqui fazemos por quê? Se tem uma finalidade, não sei. Quando que não seja um — para para entregar tudo lá em cima. Quando não você tem, mesmo?

ROSEMARY — Fuga visto a dele da D.

BALBUENO — Tem muito o que aprender. Muita.

HERRERA — É assimado por quê? Com a história dele? Você, um aprendiz de morda, ganha quem vive.

BALBUENO — Não querêdo, se você parar de fazer perguntas e observações idiotas como essa e não deixar mais ninguém, pode ser que um dia você chegue lá. Mas vai ter que aprender muito.

HERRERA — Por exemplo: nunca o cara não resolve nada. É sempre com a mente pra explatar, pra ganhar, lá, entregar, dominar, tirar. Colocar uma mente submissa pra.

ROSEMARY — Olha aqui, me Herrera, acho bem deixar as coisas bem claras. Já disse que foi o Balbueno que ficou aprendendo... Eu sei... Eu... Eu foi longe pra aprender o mundo. O Balbueno...

BALBUENO — Foi longe para também. Não tem, não. Vi a mente. Soumos todos carregados de mesmo jeito. O cara lá morto e a gente não vai ficar a noite toda discutindo de quem é a culpa. Isso é o de morrer. O que aconteceu ali dentro nunca ninguém vai ficar sabendo. Não a presidente da República.

HERRERA — Não o Certo.

BALBUENO — Não. O que não sabe, quem vai ensinar é a Fátima.

DÓDGE — (OH). Eu quero! Eu quero! Eu quero!

HERRERA — Já mudou a mente. O Doutor carregou. Essa coisa vai se ir. Fátima!

DÓDGE — (OH, mais próximo.) Deixa Fátima, por favor.

Sê um, dona Fidalgo. Sê um. Sê mais toco. Eu juro.
Sê mais toco.

FIDALGO — (OH.) Levem esse homem para a enfermaria.

BERNAR — (OH, se afastando cada vez mais.) Eu juro, dona
Fidalgo. Sê um. A senhora tem, tem, tem que com-
preender.

FIDALGO — (OH, bem perto da porta.) Não quero ver
esse homem perto daqui.

*Fidalgo olha a porta e entra, com roupa
de noite, toda de branco. Entra muito
perturbado.*

FIDALGO — Podem saber qual foi a rapariga que vendeu Gar-
rucha, dona mãe?

Os três homens ficam em silêncio.

BERNAR — Acho que não ji conhece todo mundo.

FIDALGO — Tive que parar no meio do sapinho sei. E ha-
via perdido o primeiro. Devia parar quando estava pro-
cedendo. O que houve? Tinha mesmo de me chamar,
Bernar?

BERNAR — Não é o Rosmary, é o Bernardo. Não ji co-
nheço.

*Rosmary entende a mãe para a com-
preender que ela é ignorante, tentando-se
em explicar de novo, pouco a pouco.*

FIDALGO — (Olhando as papéis piladas.) O que é isso?

BERNAR — Foi a seguinte, Fidalgo. Acabamos um pe-
queno acidente. Acabamos de trabalho, evidentemente.

FIDALGO — Quem vendeu mataram? O rapaz de lá da
chocadeira?

LETRA

ROSMARY — Foi a seguinte: a gente estava...

FIDALGO — Não falei com você, Bernar.

BERNAR — Foi mesmo. O espírito da lábia de cham-
lino.

FIDALGO — (Olha para o relógio.) Há quanto tempo?

BERNAR — (Olha para o relógio da parede, faz o sinal e
olha o tempo real.)

FIDALGO — Quanto tempo?

BERNAR — Há não quanto.

*Fidalgo vai até a sala de fundo e volta
rapidamente.*

FIDALGO — A filha de mãe.

Entra para a filha para ela.

ROSMARY — Madame...

FIDALGO — (Lendo a filha.) Madame é o marido. Não.

*Rosmary faz exemplo de começar a fa-
lar, mas Bernardo lhe dá uma olhada feia.*

ROSMARY — (Muito a vontade.) A senhora quer um co-
fador?

FIDALGO — (Lendo dentro a filha.) Foi o papinho que en-
trou, é?

BERNAR — Não que se conhece.

FIDALGO — Sê quem é. Entra com ele no mesmo quarto
na casa de estudo. Capricho dele. (Para Bernardo.) O
que foi? Chupa? Mergulha?

BERNAR — O cara era mais fraco do que eu imaginava.

FIDALGO — Não, Bernardo, não a sua experiência toda, des-
de que tem trabalho para a gente?

BERNAR — Essa coisa aconteceu, dona Fidalgo.

ROSMARY — (Tentando animar.) O nome do filho, né?

PEDRÃO — O senhor telefonou pra ele.

PEDRÃO — Você disse alguma coisa?

PEDRÃO — Mentel ele vir pra cá.

PEDRÃO — Ótimo. Era isso mesmo que tinha que se fazer. Se vamos conseguir o silêncio dele, com a sua simplicidade.

Pedro se levanta novamente e começa a andar pela sala. Os três ficam observando ele.

PEDRÃO — Você passou de uma máquina de escrever elétrica com todo tipo de diferenças, papel fabricado daqui, do Instituto Médico Legal, do Instituto de Engenharia e de Física. Uma máquina singela — a melhor que conseguiram —, cinco filmes preto e branco e dois coloridos. Papel carbono e cassetes óticos.

PEDRÃO — Certo, Rosemary?

ROSEMARY — Como é mesmo?

PEDRÃO — Deixa que eu escrevo. Como é mesmo, Pedrito?

PEDRÃO — Já aqui que eu escrevo.

Pedro pega papel e lápis e fica escrevendo, enquanto fala com Rosemary.

PEDRÃO — Digis se Focinho que eu dei ordem para manter o Dódi na enfermaria, mas tem das calças para ele.

PEDRÃO — Certo, Rosemary?

ROSEMARY — Sim, senhor.

PEDRÃO — (Escrevendo.) E dois coloridos. Quatrocentos mil, não?

ROSEMARY — Um pouco lá e outro cá.

PEDRÃO — E não se esqueça do Dódi.

ROSEMARY — Pode deixar. Com licença. (Sai.)

PEDRÃO — Pode se sentar nesse homem?

PEDRÃO — A gente sempre deve assistir um pouco com cuidado. Ele vai fazer tudo direitinho. No almoço vai ter um tudo bom. Eu vou mandar ele até de volta.

PEDRÃO — Temos que trabalhar muito depressa. (Olha o relógio.) Temos que acabar tudo antes das dez.

RAFAEL — Desculpe a ignorância, mas por que a pessoa? O homem já não está morto?

PEDRÃO — Quem que tudo não tem jornal de amanhã. Se deixarmos para depois de amanhã, vai ser tudo demais. Ninguém vai conseguir voltar a ler.

RAFAEL — Mas vai sair tudo no jornal? Mas é que é é isso? E eu, como é que eu fico? Vai dizer que a história morreu?

PEDRÃO — Você. Vamos dizer que a história morreu, sim. A morte que você sempre pronunciou. Afinal, ele tem 35 anos. (Ri.)

Pedro vai até a máquina. Deixa o lápis sobre ela.

PEDRÃO — Focinho, me liga com o chefe. (Da um tempo. Ele aproximando um lápis com o dedo.) Você esquece para o momento da filia dele. No final não tem telefonar? Pois. (Desliga.)

PEDRÃO — Não seria melhor deixar o chefe para depois?

PEDRÃO — Sim, mas, a parte do meu trabalho. Agora é o tempo. Agora quem resolve tudo aqui dentro são eu. Vai por isso que eu se não muito bem.

PEDRÃO — Quanto a isso eu não tenho a menor dúvida. Foi apenas uma suposição.

PEDRÃO — Não há necessidade de supor alguma. Não tem como não já não tudo previsto. Basta, vai ficando a cargo do homem.

RAFAEL — Tem a culpa?

FEDADE — Quero de complementos tu. Tão tudo. (Pega o relógio.) Ma liga com o alarmarido. (Olí um tempo. Para Barbaudo.) Vai, homem. Na. Quero a lo-mo tu. (Barbaudo olha para Herrera e vai para a sala de fundo.) Ele amado! Ah, me chama a Wandinha, si.

HERREIRA — Rosemary.

FEDADE — Rosemary. E isso. (Olí um tempo.) Rosemary, traga também um macacão. Com cinta. E a Faldado. Quem mais podia ser? A sua mãe? Com cinta. (Desliga.)

BARBAUDO — (Olí.) Mãe!

FEDADE — (Sorrindo.) Pense até imaginar o que aconteceu.

BARBAUDO — (Faltando, com as mãos sobre os olhos.) Me cuji todo. O cara tinha se casado todo. (Pega um pano e começa a limpar a sala.)

FEDADE — Aprenda a parar o tempo a banda de casa também.

BARBAUDO — Eu!

HERREIRA — Claro que é você. Ti querendo o quê? Uma balde pra limpar a parede tua e a dele?

BARBAUDO — Não gasta pra limpar banda de defunto.

FEDADE — (Chamando para fora dele, olhando para o lado.) Para o que é que você gosta, meu filho?

Barbaudo vai para a porta da direita e volta com um balde, um pano de chão e um relógio.

HERREIRA — O relógio. Pra quê?

BARBAUDO — Ti cujiado, o capão. (Entra para a sala de fundo.)

Herrera vai apanhar o volume do rádio.

FEDADE — Pelo amor de Deus! Faltou, não? A gente vai ter um trabalho de diabo e eu não tenho paciência para ficar esperando essas histórias girando nos meus ouvidos.

Faltado vai até o relógio e coloca uma pilha sobre um aparelho Vivaldi, que deverá tocar até o final do peça, sem com sua batida mas que se sente nos momentos de silêncio, juntamente com a reaparecer do colégio do período.

FEDADE — Música, música. Isso é música, Vivaldi. ...

HERREIRA — Claro, batida é só por causa da letra mesma. Sabe como é, né?

Fica o silêncio. Faltado amado.

FEDADE — Pelo completo. (Olha?) Mais da Faltado. Desenvolva o comércio e acabar com dia tão importante como o de hoje, a esta hora. Mas é apenas para comemorar que estamos com um "material irreversível" aqui no A-1. (Olha um pouco.) O aparelho da libreria de chocolate. (Olha alguns tempos.) Eu sei, claro, foi, né. Hum-hum, hum-hum. Já foi com o doente. Vem sim. (Olha alguns tempos.) Hum-hum. Exato. Quando a operação estiver completada eu volto e ligar. Pelo favor interrompa, claro. Ele está em boas mãos. Faltado vai para a sua sala, não? (Olha, claro.) (Desliga.) Continua o período. Temos que acabar todo esse drama. O claro concordou com tudo.

BARBAUDO — (Faltado com o balde e o relógio, para pela sala, deixa tudo no corredor.) Lavado e lavado.

FEDADE — Ótimo, Barbaudo. Muito bom. (Para Herrera.) Essa máquina está boa?

Accepted for publication 20 May 2004

FORNITORE — (Fornitore a misura di servizio IBM.)

© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 395–401

[illegible]

PRÉFACÉ — Viamos nestas suas obras. No máximo, talvez dois. (Coloca um papel na máquina e faz alguns pontos para experimentar.) Já chega de Fátima Dantas Guimarães. Euclides. Perfeito.

© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 399–406

PRELIMINAR — São dados em papelão, a máquina e em livro. O
primeiro pode levar parte a parte do fundo. (Examinando a
máquina.) Tem coisa?

DISCLAIMER—For detailed answers see inside. Misses compiled.

Produtos para a casa e a cidade com
sua gama completa de acessórios.

PVT-40E — Solo scripto, Necessary. Solo scripto. Voz
e o Estado não pretende o homem antes que ele encontre
de um.

© 2004 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

Alcornoque em duas partes e salada. Fritada com
uma Fritada e Alcapurra.

© 2007 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 261: 395–402

ALFA ROMEO — Documenti e opinioni degli esperti per i clienti

POB-40E — Excelente. Vem com o trabalho, que os jornais precisam de notícias. E um minuto sempre é um minuto. Um minuto sempre é a primeira página.

1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 26

Reunido todos para pagar a conta que ficou em cima da mesa... Paga. Fica apenas um livro sobre o mundo em Moçambique, encostado ao parede.

SUMÁRIO — (Falando para o público, sem expressão, como al jovem Ricardo anteriormente.) Realizamos de Silve, o Barnabé, um uma das coisas mais brilhantes aqui de dentro. Conto os seus currículos. Apresento as condições — deus, inimigos pessoais em flagrante: 71, sendo que 45 de uma só vez. Comparações de lucro, justiça, fraga-de-luz e felicidade de gala. Como mandamentos. Novas missões especiais. Quando com dona Cecília, pai de dona Elina batizada. Contamos suas histórias extraordinárias inseridas. Adota projetos deus de Elina e Elina das interrogadas durante os estudos. Captamos uma importante situação com-certo — geográfica —, interrogando a Elina dela, de apenas cinco anos, durante quarenta e oito horas seguidas. E também, oportunista, comemos. Tem no pólio uma manifestação batizada em Roma pelo Papa Paulo VI. Coloca-se com olibos de caridade no bairro. Criação oportuna e vivaz e convívio por nós.

Politeia e los mormons e los mormons e los mormons
mormons mormons mormons mormons mormons

RESEARCH DESIGN was (1) Focus Group (2) Survey, questionnaire. (Survey)

April 20, 2014

PRELIM — How often. Always, often, seldom?

ARTICOLI 100. **Poste** ed **Imprese** del **Libro**

FIEDADE — Já existiam águas em Portugal, com abastecimento natural. Evidentemente que deviam ser impoídas. Evidentemente que não deu em nada. Sabendo disso a coisa, porém, não foi por isso mais simples. Os vícios expõem-se com a água, mas não se podem fazer antecâmara?

dizer que ele foi atingido no peito? Ou dizer que foi assassinado por um companheiro? Quero que que ele tenha já gastos. O povo gosta de novidades.

HERNANI — Certo.

FIEDADE — Amaldi a esposa dele estaria um pouco, no Diário. Tá aqui na folha dele que ele sabia de coisas correntes. Pois. Tá aqui na folha dele que ele tinha com um diácono incorreguloso. Por duas vezes procurou o serviço de psicologia do DPF. Em outras palavras, é tudo coisa problema. E, quem tem problemas... Correto?

HERNANI — Não aguento a pressão e os matos.

FIEDADE — Negativo. Não foi a pressão que ele não aguentou. Foi um delírio, capotado, enfiado como fumaça, no cérebro da fábrica. Foi isso que ele não suportou. Foi ter assinado esta declaração. O fato dele ter assinado a declaração é um fato importante para nós. Os matos, já foram postos?

HERNANI — Quais? Ah, os matos não?

FIEDADE — Assim que a notícia do suicídio veio depois, os matos não devem estar transmutados e calados. Vamos, homem, mata-o.

HERNANI — Deixa eu copiar os matos. (Anotando.) Assim diz que eles matou todos aqui.

Retorna na sala para a porta do corredor, e trazendo uma folha de jornal, apresenta Fiedade colando um papel na máquina de escrever.

RAELAND — Certo?

FIEDADE — Certo?

RAELAND — Fiedade colando matos no homem?

FIEDADE — (Ajustando a máquina.) Não.

RAELAND — (Para dentro, para Rosemary.) Sem mais.

FIEDADE — Me entregue uma tela bem grande. E grossa.

RAELAND — (Voltando para a sala, surpreso.) Tela? Grande e grossa?

FIEDADE — Mas que seja possível de ser introduzida no meu duto.

RAELAND — Qual?

FIEDADE — No ex duto. No ex.

RAELAND — Ah, no ex. Mas dona Fiedade, desculpe a ignorância, mas o homem não já está morto?

FIEDADE — A tela!

RAELAND — Foi não. (Sai para a porta do corredor.)

Fiedade se recosta no sofá, com um pouco de melancolia. Falsa a realidade ajustando o papel na máquina. Rosemary entra pela porta da esquerda.

ROSEMARY — O homem está morto, dona Fiedade.

FIEDADE — Deixa ele deitado no chão, de costas.

ROSEMARY — E assim mesmo que ele está.

Abre a porta do duto. Fiedade encara Rosemary.

ROSEMARY — Alguns problemas, dona Fiedade?

FIEDADE — Tá resolvendo, tá bem.

ROSEMARY — Me confundindo? Como é que é? Me tá confundindo, por quê?

FIEDADE — É assim que a gente trabalha no processo. Olha um olho, encara-o. Por trabalhar a pressão tá no lado do, tá no privilégio dele.

ROSEMARY — Não entendo nada dessa linguagem de privilégio, não entendo. Contigo é tão-pouco, qualquer coisa. Tá aí que é coisa de cabeça, não é?

PEREIRA — Pois é. E você está com medo.

ROSEMARY — Medo? Medo de quê? Imagina, eu com medo. Medo de quê? De matar? De morrer? Não, dona Fátima, pra falar a verdade, no duro mesmo, o único coisa que eu tenho medo mesmo mesmo de Deus é gato. Não posso ter um gato que me seja todo. Engraxado não, mas eu tenho um sapinho com gato que deve ser assim que a senhora teve falando. Psittiquin. Desde pequena. Desde que eu lembro que eu existo. Um tempo de sapinho, mesmo. Mas também, como se fosse hoje, quando eu era bem pequenininha, que a minha mãe me obrigava a dormir com um gato no quarto pra perder o medo. Ai que foi quando morreu.

PEREIRA — Medo de gato, é?

ROSEMARY — Engraxado, né?

PEREIRA — Mas agora não é de gato que você está com medo, não.

ROSEMARY — Imagina, dona Fátima. Além do mais, quem morreu o cara não foi eu. Foi o Betoado que morreu doente. Já disse até para o Herreno. Manda trazer um sapo.

PEREIRA — A ideia de trazer um está boa, compensadora. Tapa. Tapa.

ROSEMARY — Não tem ninguém de nada do que foi aqui dentro, não. Tá certo que eu sou um pouco violenta, às vezes. Mas aí que é coisa feia. Não posso dizer. Gosto de uma surraço sabe, dona Fátima? O que é eu sou um pouco violenta com o Betoado que a gente é assim eu lembro. Ninguém gosta disso, mas tudo mesmo precisa disso, não é? O Betoado aí disse uma coisa engraxado: Disse que não temia os bichos da sociedade. Não é engraxado?

PEREIRA — Os bichos da sociedade... Mas que você está com medo, está. (Abre a boca pra responder.) Vai me trazer uma lista de bichos.

ROSEMARY — Lista de bichos?

PEREIRA — Não.

ROSEMARY — (Revendo a lista com um olhar que não deixa de ser curioso.) Pois não. (Sai.)

Fátima passa alguns segundos em Rosemary e se volta para escrever na pequena lista de bichos.

PEREIRA — (Revendo rapidamente.) A Chella do Departamento faz-se a influenciar a seguir. Dois pontos. Primeiro. Em procedimentos de diligências que se desenvolvem na área dos Departamentos, que revelam a existência e as atividades do Comitê Estadual do Partido Comunista, quando, citados por companhias e chefes de local de trabalho, e nome do senhor Antonio Pereira da Silva, responsável pelo setor de trabalho de trabalhadores da Fábrika de Chocolates Betoado-Que, como militares e integrantes de uma célula de base do partido. Pronto.

Fátima Herreno e Betoado, com um olhar sempre sobre as mãos.

HERRENO — Já dá a ordem de captura. Os homens estarão aqui dentro de pouco tempo. Tinha eu dito.

PEREIRA — Excelente. Então aqui é vai desintegrando para mim. Já comecou, mas você deve ser mais rápido. Vamos ver como decorre e vou sempre por mim.

HERRENO — Desculpe a pergunta.

Herreno vai se voltar no sentido. Fátima de vai começar a dizer, mas é interrompida.

BETOADO — E a lista?

PEDADE — Bóia lá, não.

RASLADO — Assim, sem mais sem menos?

PEDADE — (Protestando.) Meu filho, a medicina tem rapina, lá milícias e milícias de anos, que a saúde fica com o órgão geral semi-empando.

RASLADO — Saúde?

PEDADE — Mais dum, pra ser mais grossa. Portanto, como ele se machuca, deve estar com o plede em semi-empando.

RASLADO — Vivendo e apodando. Sé mais uma vezinha. Por que é que estando uma vezinho, ele vai ficar assim... assim como a senhora lá?

PEDADE — Porque se fazemos uma travessia na polueta... Coz, não me macha o saco. Vai, vai, vai.

*Ruando de uma alçada para a rede e
entra na sala de fundo.*

HERNANI — (Lendo o finalzinho.) ... de uma alçada de bone
do cidade partido. Vamos lá.

PEDADE — Hernani, não macha, o Rosemary. Pode-se confiar nele?

HERNANI — Alguns problemas?

PEDADE — Ele está com medo. Detento no medonho.

HERNANI — A ficha dele é muito boa.

PEDADE — Não confio nele. Tenho medo do mundo dele.

Ele tem um deus irritado. Bem, vamos ao que interessa. Depois a gente cuida dele. Vamos lá. (Desce.) Se-
pando. Corridinho a gente se despoimamos, apresentamos
acompanhado pelo Doutor-Presidente da Filarmia de Cho-
colates, lá nosse lenda do machô de dia 24 de novembro
nós, sendo tomadas por termo suas declarações. Posto
Túrcia.

HERNANI — Sendo tomadas por termo suas declarações.
Túrcia.

PEDADE — Túrcia. Relatando, inicialmente, sobre suas
figuras e atividades criminosas, foi acompanhado com seus
delitos. (Ele pega um papelo em cima da mesa.) ...
com seus delitosos César Augusto de Arroz Figueredo e
José Augusto Martins de Carvalho, que o aconselharam a
dizer toda a verdade, pois assim já haviam procedido.
Posto. Quanto. Nessa circunstância, almeja o senhor
Antonio Fronte de Silva, com atividades dentro do Par-
tido Comunista, sendo-lhe permitido relatar suas declara-
ções de próprio punho. Detendo após o alongo a por
vez de dez (1) horas, em sala, desacompanhado, encerra-se a
segunda declaração. Dois pontos. Agora está cupio a
declaração dele na imagem. Vamos lá.

*Hernani começa a copiar a declaração
pivada. Enquanto isso, Pedade vai
até a porta para olhar o serviço de Ban-
cado.*

PEDADE — O que está fazendo?

RASLADO — (Chegando na porta.) Tem jeito, não, dona
Pedade. Não quer ficar cheio de jeito nenhum. Pra mim
é mais um bocado.

PEDADE — Eu tenho isso. É que já faz alguns tempo que
ele está morto.

*Pedade vai até a sua bolsa, olha, e tira
um pequeno bando.*

PEDADE — Isso aqui é silêncio. Introduza na caixa. Quem
não tem que caga com gente. (Lembra-se de Rosemary.)
Gato...

*Ruando entra para a sala e Pedade fica
acompanhando da porta.*

RACHEL — (Voz.) Vivendo e aprendendo. Olha aí.

PEDRÃO — Olha. (Sorrido.) Mais mesmo.

Pedro volta para onde está Herrera.

HERNANDA — (Para de lavar.) Assinatura legível?

PEDRÃO — Sim.

HERNANDA — (Encarando.) Assinatura legível.

PEDRÃO — Quinto. E quem, não é?

HERNANDA — Quinto.

PEDRÃO — Quinto. Cerveja das 18 horas, ao ser pronunciado na sala onde hoje detinado, descomprometido, pelo livro igualar... Qual é o nome do Rosemary?

HERNANDA — Meu Pedrão, o que é isso? Vai dar o nome das pessoas?

RACHEL — (Entrando.) O que é isso? O senhor não conhece o nome da singela.

PEDRÃO — Qual é o nome do Rosemary?

HERNANDA — Rosemário dos Anjos.

PEDRÃO — (Para Rosemário.) Foi o que você fez, não... pelo investigador Rosemário dos Anjos, associou-se com ele e, quando uma carta do pai, reconheceu-o imediatamente. Das suplicas, quando a mesma carta do pai, apelou para o pai e reconheceu-o a grade da janela, reconheceu-o. Vai lavar os olhos.

RACHEL — Que história é essa?

HERNANDA — (Abalhando de esquecer.) Vai lavar os olhos.

PEDRÃO — Foi o que você fez, não. Antes dele se suicidar, matou o Rosemary.

HERNANDA — Mas por que o Rosemary tem que entrar nessa história? Isso aí vai trazer complicações para todos nós.

PEDRÃO — O Rosemary está com medo. Eu é muito importante. Não tenho que entrar aqui com medo. Vai sair por aí contando o que viu aqui dentro. O Rosemary tem que morrer.

Hernanda sai para a sala. Entra Rosemary com as mãos de lavar.

ROSEMARY — Um trabalho pra terminar com isso. Tem que ir até a família da esposa.

Pedro examina as mãos.

PEDRÃO — Excelente. São peritas. São saradas, Rosemary.

ROSEMARY — Obrigada.

HERNANDA — Lave as mãos? Foi só o que faltava.

Pedro chama Rosemário e Rosemary com um gesto de mão até a porta do fundo.

PEDRÃO — Agora você está via lavar o homem em volta de tudo o que você está fazendo com isso que até a minha impressão que foi a carta do pai que deixou a morte. Fiquem lá e não desconfiem possível enquanto o tempo não está completamente concluído. Na hora, não, não? Um pouco antes do pai. Um momento de lagrimas, mais ou menos. E depois tem muito tempo lá, porque se, por alguma circunstância, a família não o matou, o pai não está lá. A morte do Zorro. Não é isso.

Rosemário e Rosemary entram na sala do fundo. Pedro volta a porta.

HERNANDA — Você está certo disso?

PEDRÃO — O pai?

HERNANDA — Rosemary.

PEDRÃO — Chegou lá os homens, Herrera. O pai foi de volta... lá sabemos um trabalho participar disso.

tales. Continua procurando aí. O papel contendo sua declaração foi encontrado rasgado, ou talvez, se quisermos, pedras se recompõem para os deslizes das línguas. Pronto, português.

NEERER — E como vamos fazer com o Hammer?

PREDANE — O Deus não está aí? Estando agora por que eu sempre fui contra a intervenção do Deus? De repente, está ele aí, sendo útil. E como. (Pega o relógio, olha o relógio.) Preciso, ele tem jeito de me servir em uma coisa boa. Tinha bom relacionamento. (Olha os relógios e diz.) Sim. Foi incluído à Segurança e Secretaria pública interna, permitindo os melhores pontos e intervenções de segurança e de saúde. Uma. As coisas são hoje colocadas na segurança, especialmente, dentro das pequenas lojas, não visando mais a saúde, mas sim somente salvaguardar a ordem constituida e a Segurança Nacional. Segurança Nacional com as coisas modernas, não? Pronto local.

NEERER — Quem mais?

PREDANE — O chefe, é claro.

Podado se dirige para dentro do prédio, levando um livro sobre a mesa em Havana que está, lentamente, abrindo o papel de selagem.

PREDANE — (Sem interromper, dizendo.) Quando não tem o nome querido Antônio Joaquim Herrera dos Santos Filho. Chefe da equipe especializada A, o que lhe dá a categoria de melhor jogador e supervisor de trabalhos aqui do dentro. No caso desde início da década de noventa, quando veio como voluntário. Antes era treinador de vôlei, adestrador, como o Ringo, por exemplo, um chefe pastor adestrado para manter os técnicos do primário até que alguns o mandam para. Tem uma com posi-

na sua barra abastado e pobre. E, como ele sempre diz, uma espécie de carta do local. Já trabalhou em mais de um caso, já foi enviado na CIA, já teve contato direto com a intervenção em Munique. Já esteve no Chile com todos os governos locais — local lá deles —. Sua maior glória, por mais infantil que possa parecer —. ~~Exatamente~~ e apêndice aqui dentro de CIMA, não deixa marcas. Além disso, incluído com orgulho, que já "popo" está dentro de na sala de fundo.

Las salas se movem

PREDANE — Tocar o tipo da máquina que a gente tem que escrever o livro médico. Um um tipo mais sofisticado, mais técnico, com cara de médico.

NEERER — Pode deixar que eu sei como é.

"

Havendo sempre a procurar o tipo e a cultura na máquina enquanto toca o relógio e Podado avança.

PREDANE — E daí. Sim, sim. Pode deixar que eu vou buscar daí aí. E os países? Exatamente. (Dizendo.) Vai ajudando a máquina aí que o patito do homem chegou.

Podado vai pela porta da direita. Havendo levanta-se rapidamente e vai até a parede. Liga o disco de conversação de uma partida que ainda não começou. Ele volta para a máquina de Podado e vai para a máquina.

BARBAO — (Colocando o relógio para dentro da sala, da porta da direita.) O princípio do homem está pronto. Quem vai tirar as coisas?

MARRERA — Você não ligava, aí dentro que ela foi buscar o dinheiro. Ai fomos lá mesmo depois.

BELLEIRO — Tem um probleminha técnico aqui. A grade da porta é muito baixa. Acho que não vão vir dar conta, não.

MARRERA — Pode deixar que ela dá um jeito nisso. Vai, vai.

BELLEIRO — (Baixo.) É o Raul?

MARRERA — Se for.

BELLEIRO — O quê?

MARRERA — Não consegue.

BELLEIRO — Qualquer coisa aí você me dá um toque.

MARRERA — Vai, rapaz.

Entrando mora e fecha a porta. Herrera coloca o papel na máquina de escrever. Entran Fidalgo e o Doutor. Ela tem 35 anos, é bastante jovem, casada, casada um pouco grande, culpa los desbotada, caminha com o decote da Via Sam e sorriem: ENCLE LAM WANTI YOU. Assim que eles entram, Herrera se levanta.

FEDADE — Doutor, Herrera.

MARRERA — É um prazer, Doutor.

DOUTOR — O prazer é meu. Bom dia, filha, é verdade.

MARRERA — (Indicando a poltrona.) Faga o favor.

DOUTOR — Obrigada. (Senta-se.)

O Doutor está visivelmente interessado nos incrementos da esposa. Fidalgo chega e se vê.

DOUTOR — O que é isso?

FEDADE — Isso é um turnipete. Como um copinho de

monopé. A gente agita no calção do presidente — é chamado «oil» vende? — e aí você deixa moneditas simples de cinco e pedras, a gente vai apostando.

DOUTOR — Não deixa de ser sofisticado. (Observa tudo.) Poluente, chinês, gametico, milagre, veloz, rápido — rapidamente, é claro — barato, zero inglês... Não, afinal, por que você trouxe a boneca do senhor em conexão com tudo isso? É, um modelo industrial?

FEDADE — Industrial? Em primeiro lugar, porque a mulher colabora com o nosso departamento. Mostra saber como é empregado a sua contribuição social.

DOUTOR — Óh, Fidalgo, você sabe que não é por esse motivo que eu vim aqui dentro. É isso aqui? Ainda?

MARRERA — (Indicando.) Isso é um simples acessório. Colocado no cinto do interrogado, dá a sensação de segurança, vai estimulando as suas reações, entendê? Por consequência, mais rápido, pode levar a vítima à morte.

DOUTOR — (Faz um gesto violento e abrupto.) Não?

MARRERA — Naturalmente. Isso é para introduzir no item. Digam, se que já experimentaram, que se tem a sensação que alguém está se utilizando um chavete morto. Muito simples do que isso, é o (apresenta) pequeno utilitário. O pequeno sacro da verdade.

DOUTOR — (Carindo um cinto.) Bom... Bom, Fidalgo. O que foi que a sua operação estava contando para você que eu obrigou a vir cá aqui para ter esse aula de supondo ao vivo?

FEDADE — Acha? Em matéria de apetreito a mulher não viu nem o bialé. A sua coisa aqui, por outro lado, não é coisa de criança para ela. Isso aí mesmo a coisa para de trazer alguns colegas seus para, inclusive, assistir alguma coisa interessante. Se pudermos a sua presença aqui dentro é porque precisamos do seu apoio. Sim, agora. Aqui pagamos caro. Temos a maior boa vontade para

quem joga cartas comovidas, para quem vem com toda a certeza.

DOUTOR — O Antonio disse a nome dos mortos?

HERNANI — Mais não. Não. Todos da sua família. Tudo feito de papéis de groto. Tudo coberto de chuva. Antes da matança estava tudo aqui. Sob um verdadeiro aparato de idéas.

PEDRÃO — Hernani, você tem promessas para se cumprir.

HERNANI — Você tem consciência no lindíssimo hoje. Talvez as minhas promessas.

PEDRÃO — (Como professor, bastante didático, com de advogado.) Doutor, para fazer falar um cidadão comum, honesto — que comente um pequeno deslize —, basta um tom de voz mais firme, um gesto ou sei lá mesmo uma boa dose de ironia. E a marginal exige um pouco mais de energia, porque o senhor sabe que ele tem consciência que infringiu a lei, de uma maneira ou de outra, está sabendo que vai ser punido. Mas o subversivo é sempre mais difícil. Ele não aceita a mesma autoridade e, então, a gente precisa demonstrar — logo de cara — que a gente possui meios de corrigir o comportamento. Não vemos, lá fora, obrigados a prendermos homens, deixando passar o momento de ruptura da consciência do delinqüente, que passa a reconhecer a mesma autoridade sua, como a nós, não faz. Certo não, lá fora, comovidos, com o esgotamento emocional do interrogador. Ele passa, assim, a perceber por dentro a não mais para obter a informação. E a informação tem que ser tomada na hora, na base do aqui e agora, porque depois a algum tempo poderia ser tarde demais. E, para ganhar tempo, não qualquer coisa.

DOUTOR — Muito bem. A exploração não poderia ser mais didática. Agora, vamos aos fatos.

PEDRÃO — (Fazendo a relação que acabamos de escrever.)

O senhor é o senhor lá logo logo de uma vez. Deverá ter uma pessoa assim cada. Não empregar está morto.

Doutor olha para ela, olha para Hernani, senta-se na poltrona e começa a ler a redação rapidamente. Pedrão e Hernani se entreolham.

PEDRÃO — Como vão lá doutor? (Para Hernani.)

HERNANI — Tudo se representa.

Enquanto o Doutor continua a ler, ele coloca um filão na superfície do escrito. Hernani, sem saber o que fazer fica tentando o manuseio na própria cabeça. Doutor continua a ler. Finalmente, vai até a mesa, olha o papel rapidamente. Olha para Hernani, balança a cabeça rapidamente.

DOUTOR — (Para Hernani. Pedrão está apertando a máquina.) Um belo texto, sem dúvida alguma. Até a pontuação merece os elogios. O estudo sempre me faz muito bem de Pedrão. Agora não compreendendo o porquê. Como é que ele morreu?

PEDRÃO — Não sabia mais se ia se acostumando com a vida de morto.

HERNANI — Ele tinha escrito, doutor. Não agüentava mais duas horas. Digamos que foi uma falta técnica. A Pedrão poderá explicar melhor, não é Pedrão?

Pedrão pega os papéis pousados em cima da mesa, olha a porta do fundo. Não vêem ninguém. Ele entra na sala, dando dois passos em profundidade. Perceber que Hernani, Barnabé e o morto estão à direita da porta onde ele se encontra. Ele dá um passo em dire-

que um rei, jogando o papel grande no chão. Herrera e Doutor chegam até a porta para ver o que ele está fazendo.

FEDADE — *Baronary, após melhor sua cabeça aí. Isso. Não. Um pouco mais para a frente para o papel reagido ficar bem enfiado. Isso. Vira um pouco. Barão-de, na graduação de cima, agitada, a mão alta. Isso. Perfeito. A coisa agitada? Força, Baronary. Perfeito. Barão-de, dê-me a pena dele para dentro. Não, capta, pra dentro. Isso. Vira um pouco a cabeça dele para o meu lado. Assim. Tem um clipe aí? Isso, para a esquerda dele. Assim. Desprenda mais o cabelo dele. Quem mandou pentear, porra! Maravilha. Maravilha.*

Fedade fica se movendo no sentido frente-fundo, lado a lado, fazendo várias passs. Exatamente cinco. Herrera e Doutor ficam, de pé, olhando. Arriba o filme. Fedade, em silêncio, volta o filme e entra novamente na sala. Caraca entre filme e daí a máquina para Herrera.

FEDADE — *Você foi eu disse. A máquina já está reagida. O princípio, a fuga, a pista, a pena, os papéis no chão, a cabeça, os olhos, os olhos mais mortos. Vámon, vámon.*

Herrera entra de lábio e para. Fedade sorrieta com o Doutor.

FEDADE — *(Apontando com o queixo para a porta.) Con-vencido?*
DOCTOR — *Tudo.*

FEDADE — *Talvez. Mas não se convenceu o outro. Como eu não sou convicção a Herrera e tem eles os pontos.*

DOCTOR — *(Sempre com imaginação para encerrar um texto sobre isso. Quem encerra?)*

FEDADE — *Eu sei um texto sem nome, doutor. Como dizem no meu textual, uma coleção coletiva. Muitos autores, muitos de-vores, muitos atores, muitos vilões, alguns encenados no final. Isso, um texto muito exposto. Um texto de encena- na Alemanha de Hitler, inclusive. Um texto já montado na linguagem. Um texto já interpretado por Galileu, por Bruno, por Galileu e machos, por glórias e momentos mais, como o de hoje. Um texto eterno, uma linguagem clássica, uma convicção humana que tem Deus poderia encerrar. Um texto de encena!*

*Entram Herrera, Barão-de e Baronary.
Herrera dá mais dois passos de filme para ele.*

FEDADE — *Nunca convenceremos ninguém. Apesar de todos os países por onde dirigi esse texto. Tanto os momentos mais e menos os momentos mais.*

HERRERA — *Que história é essa?*

Fedade pega as três coisas e dá para Baronary.

FEDADE — *Muito revisto pra contar e me traga as letras aqui. Queira todas aqui. (Olha para o relógio.) Um quinto minuto.*

Baronary sai.

FEDADE — *Barão-de, tem o corpo da peneta e leva para o fim, fazer um trabalho. E diga que o laço vai depois mesmo, que eu mando para eles encerrarem.*

DOUTOR — Não seria melhor esperar para ver se as leis de exportação ficaram boas?

PEDRADE — Doutor, não falto. Conto com meu trabalho. Vai, doutor.

Espera-se fora na sala. Pedrade fecha a porta.

DOUTOR — Não gostava de um filho da puta de minha mãe. Estava levantando não só os funcionários da fábrica como também a pessoal das minhas fazendas. De repente, chega um capangão lá do sul da Bahia pra mim, que não sabe nem falar português, malta minha ler e escrever, e vem me falar em melhor distribuição de renda. Ora, onde já se viu?

HERREIRA — Ele é mais sã.

DOUTOR — Vou-me ver se soube a pessoal volta ao trabalho. Como é que ficam as exportações? Onde é que eu vou arranjar dinheiro se não dá mais para dar pra eles?

PEDRADE — Deixa de demagogia, doutor.

DOUTOR — (Rindo.) Eu gosto... Eu gosto... (P'co sério.) Mas, realmente não consigo. Continuei dizendo que não entendi a porquê da minha presença aqui, hoje.

PEDRADE — Claro que o senhor sabe, doutor. O senhor é bastante inteligente. Ou o seu pessoal foi tudo uma merda?

DOUTOR — Vou-me jogar fora, senhor.

PEDRADE — Exatamente. O Doutor, agora, Hererra, é meu bom conhecido da minha inteligência.

DOUTOR — É o que eu gastei com isso?

PEDRADE — Um pedrão de movimento histórico nacional. O senhor sabe muito melhor que eu em que respeito isso aqui funciona aqui também, nada melhor lá no caso. Então é verdade que estamos aqui nesse trabalho, para informa-

mento, certo lá. Existem milhões e milhões de doutores nesse país. Acho que estou sendo bem claro, não é?

DOUTOR — Está pensando o quê? Que eu estou associado com o que acabou de eu? Já sei que pessoal gastei 11 milhões de cruzados para tirar prêmios no Alto Araguaia. Minha gente a todo o dia e a noite e eu nunca perdi o apetite. Vou-me pedindo muito bem no telefonar e contar que são meus. Ou tem tomar um alque na minha casa.

PEDRADE — Conto com os doutores deste país. Acho que você gostou muito de ver uma torturadora, não é?

DOUTOR — Dos outros não? Não sou idiota.

PEDRADE — Não eu não inglês. Não podemos ter outro material insuperável aqui dentro sem esperar um pouco de tempo. Com eles vamos usar o método inglês.

DOUTOR — O que é isso?

PEDRADE — Chamamos método inglês, mas é invenção dos americanos, é claro. Os americanos para essas coisas são insuperáveis. Além, eu tenho. Mandamos no seu pessoal um grupo de técnicos para lá para que aprendam a lá: técnicos ingleses de funcionamento. Qualquer dia, quando um alque na sua casa, eu lá conto como é o lá. É o tratamento coletivo é o que temos de melhor atualmente. Quando temos tempo. Os americanos estão sempre se superando. E se dia seguinte já estamos no mesmo pé de igualdade. Ainda vai chegar o dia, doutor, que vamos exportar conhecimento.

O doutor paga novamente a retribuição, e vai sendo levado na sala.

DOUTOR — É um alque, não?

PEDRADE — Quem vai decidir? (Longo pauso.) Quem vai informar o sistema? Estamos em guerra, doutor. Vamos garantir o princípio. É, como guerra princípio.

não importa se o que se divulga é verdade ou mentira. O que importa são os resultados.

DOUTOR — (Lendo o relatório, em dúvida.) É esse tal de Rosemary dos Anjos?

HERNANI — É a garota que foi levada se fosse para revelar.

DOUTOR — É ela que você vê...

FREDADE — (Correndo.) Vê? Não, doutor. Não.

DOUTOR — Você não conhece.

FREDADE — Doutor, ela não pertenciam da sua proteção. O senhor protegia da nossa proteção. Não pertenciam da sua responsabilidade.

DOUTOR — Não sabia nada, absolutamente nada a ver com esse caso.

FREDADE — Tem certeza, doutor? Tem certeza que não tem nada, absolutamente nada a ver com esse caso?

Narrava se adianta para falar com a polícia antes o doutor. Ela apenas está a se desviar.

HERNANI — O jovem doutor tinha muito visto e parecia com...
Guia, um pequeno país da África, com pouco mais de 10 milhões de habitantes, era o maior produtor e exportador de cacau do mundo. Havia uma única fábrica responsável de café e açúcar. Com ela, a grande produção nacional. O Brasil, segundo exportador mundial de cacau em grão, passou a exportar mais e mais para a Europa. Estados Unidos e vários países da África. Com o Brasil exportando mais, o doutor passou a exportar mais. O governo brasileiro começou a financiar o doutor. E ele começou a ficar rico. Em 1972, um milionário finalmente descobriu o governo está lá em Guia. Os corpos de presidente e primeiro-ministro são encontrados no campo. A constituição local reagiu. A crise atingiu o seu auge. Foi quando, do sul da Bahia, o jovem doutor começou a

mandar dinheiro — em dólar — para tentar a guerra civil. A guerra não podia mais parar. E quanto mais dinheiro entrava, mais ele vendia o seu cacau. Hoje, um século do sul da Bahia é duas guerras e independência declarada. Cinco milhões de deslocados entre Salvador e São Paulo, Cleveland, Americana, Espirito, Rio, Pernambuco, Nacional, Dinor's. (Foi vendendo para um lugar, mas não para a parte final.) Os militares continuam no poder. Em Guia.

Fala ao normal

DOUTOR — Não se trata de ter a ver alguma coisa com isso, ou não. Mas, na guerra, você agora não resolveu um problema interno que não me dá respeito. Você já ficou eficiente no domínio em resolver o problema de minha filha.

FREDADE — Não se trata de resolver o problema apenas de sua filha. Uma greve dentro desta toda a economia nacional. Mas quem tem a ver para fazer dentro isso dentro de um momento e responder? O que interessa é que a mulher, um dia, tenha que enfrentar isso aqui, de perto. O fim da sociedade, como ela a mata.

DOUTOR — Agora o problema é totalmente de você.

FREDADE — Não posso, doutor, que não sempre houve a favor disso aqui, não. O senhor pode estar certo que muitos dos meus são aqueles que houve um momento e um século aqui, hoje. E não revelaria mais nada ainda no hipótese de suicídio, uma vez que foi possível de um crime de morte. Por isso é que é importante a morte de Rosemary.

DOUTOR — Rosemary?

HERNANI — O espírito de Rosemary.

DOUTOR — Ah, sim.

FREDADE — Mas agora — disse ao completar — que criou

monetária e financeira, se vierem impulsionadas diante de alguma候叫 e radical de aquecimento interno e quase todas viram as suas rotas para o que acontece aqui dentro. Além disso, muitos países das nações em desenvolvimento não podem, eles mesmos já chegaram à conclusão que não podem mais contar as coisas com facilidade. Ou seja que há uma desorganização, uma crise. Mas, qual é quê? Nossa economia está ficando em dificuldades.

ABSTRACT — The authors present a review of the literature on the epidemiology of the common cold. The review is organized into three sections: (1) the common cold as a disease entity, (2) the epidemiology of the common cold, and (3) the epidemiology of the common cold in special populations. The common cold is a disease entity characterized by a specific set of symptoms and signs. The epidemiology of the common cold is characterized by a high incidence and a low mortality. The common cold is a disease entity that is caused by a variety of viruses, including rhinoviruses, coronaviruses, and adenoviruses. The common cold is a disease entity that is caused by a variety of viruses, including rhinoviruses, coronaviruses, and adenoviruses.

PREGHIERA — Dio che a chi ti chiedi solo guardi da salire qui ti
concedi sempre le tue grazie.

POPTOR — A munda contibuição é apena no nível nacional. Não trata de avaliar toda sua importância social de modo.

PRIPADNI — Dječaci, na lustraciji stojiš u tihoj, samotnoj
 tuzi kao uopće nisi u svojoj prisutnosti i u svojoj nezadovoljnosti
 sa svim životom, sa svim ljudima nacionalni i valjda svim ljudima
 koji su ti bili neprijatelji u situaciji tih ljudi. Ili si ti uopće
 nisi uopće i opet valjda uopće uopće u svojoj samotnoj tuzi
 da nastaviš.

© 2000 Volvo Group Trucks Technology. *Volvo* is a design or registered trademark. *Volvo* and *Volvo* are trademarks.

[illegible]

Year	Number of cases	Number of deaths
1990	100	10
1991	120	12
1992	150	15
1993	180	18
1994	200	20
1995	220	22
1996	250	25
1997	280	28
1998	300	30
1999	320	32
2000	350	35
2001	380	38
2002	400	40
2003	420	42
2004	450	45
2005	480	48
2006	500	50
2007	520	52
2008	550	55
2009	580	58
2010	600	60
2011	620	62
2012	650	65
2013	680	68
2014	700	70
2015	720	72
2016	750	75
2017	780	78
2018	800	80
2019	820	82
2020	850	85

PROBLEM 100 (No solution) Recalled, no results in 1998.

STORIA — (Quest'analisi di storia, storia.) Data, local, etc... (Ritorno.) Persona. Data persona. Racconti di qualcuno.

PRÉLUDÉ — Visions Remontant des Anjes à Antoine Parnet de Siles. Parnet à gauche dans cela, son complice incomplet et sensible pelo péssimo, através de uma cinta de tecido verde-esmeralda, foi encontrado o cadáver de um homem, de olhos brancos, apontado como sendo o do Agente Parnet de Siles, do teatro e prouton antes, que se afilava com a língua ligeiramente pendente. A cintura cinza, vermelha mostra a boca a.² — depois os cabelos e foto — morte, estava na grade metálica, com um só exemplo, a retina branca de um óculo e a coroa e três constatações. O local, mais ou menos, não é.

REPERTE — (Paradeo pinto.) Voz mudo, comovido ou
gritos mais altos, para facilitar.

PM2-10M — A outra interface desta peça faz parte a ligação de um circuito que controla automaticamente o processo, só sendo ativado em parte posterior exposta dele. Vale mencionar os dois níveis de ajuste. Removendo a tampa, dentro de, no processo, um único engatado, desmontado, obtém-se a referência profunda — os dois engatados são justos —, seja a peça pessoal correspondência com o movimento ligado. Vale mencionar os dois quatro níveis. De que feita exposta, dependendo se que o fato pessoal tem quatro tipos de unidades por natureza.

1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 26

FEDADE — Desceva em seguida como foi encontrada, no chão, a caixa de Rosemary. Tinha dentro que você já tem interesse para saber isso.

Monica consentì a tornare a Firenze nel 1512 e a diventare, per una settimana, la sua.

FEDADE — Vale dizer isso, doutor?

DOUTOR — Muito. (Tira chocolate do bolso.) Chocolate?

FEDADE — Vou tentar.

FEDADE — (Enquanto Barreira vai acozando.) Casado?

DOUTOR — Não gosto.

FEDADE — Gosta de vinho?

DOUTOR — Muito.

FEDADE — Gostaria de conhecê-la, com sua esposa, para um bom vinho português que tenho de receber.

DOUTOR — Será um prazer.

Os dois desembrulham dois chocolates e começam a comer. Entra no sala Dadi.
Dadi tem todas as características físicas e morais de um quase delírio mental.

FEDADE — Dadi, um presentinho para você matar a saudade, a fome e a sede.

Dadi volta para o Doutor, pensando que se trata dele.

FEDADE — Não é nada disso, meu querido. Ven aqui que eu vou te mostrar um segredinho.

Fedade pega Dadi carinhosamente, maternalmente, pelo braço. Ela leva ao Doutor que, como ator, fala de Fedade.

DOUTOR — Maria da Fedade mora em Viana do Castelo, um pequeno distrito de Portugal. Ela não, comprou como a pai, querê que ela fosse brava. Foi expulsa do convento de nobreza após comprometer a virgindade honro-

sempre. Com o 25 de abril de 1914, ela foi empurrada para fora do país e veio aqui. Foi acolhida por autoridades civis e militares do governo de então. Assim, quando os portugueses começaram uma insurreição em Angola, ela já estava lá. *Não falo galleguês.* Lá trabalhava com técnicas de interrogatório. Escrevia até um livro a respeito, na década de 60. Todas essas coisas foram as pedras de Marcelo Camargo. Veio para o Brasil aos 65 e 70 para ensinar essas técnicas. Maria da Fedade de Oliveira Bragança atuou até a morte no Brasil. Teve um marido e três filhos. Teve um filho chamado Paulo Camargo, da mesma família nobreza. Lá ela viveu em diversas casas de Amélia Leiria. Fala um idioma com português. Arrasta o nome.

Tudo volta ao normal.

FEDADE — Não sepa aqui que eu já volto, Dadi. (Fidela-se só.)

BARREIRA — Tudo bem, Dadi?

DADI — (Oligo a sua língua fala em tudo e apanhada.) Faltava a que faltava.

Dadi fica chorando um pouco de dor até ficar um pouco satisfeito.

BARREIRA — Vai desgras, Dadi.

O doutor vai até a sala de fundo, dá uma olhada e volta. Está um pouco ar de alívio em todos. Barreira volta com uma carta de postais. Não há necessidade de apertarem os punhos.

BARREIRA — O que é isso?

PEDRÃO — (Folheando.) Certo, Dodi. Certo. Causa
grava dos mais visíveis problemas. (Coloca a carta no
cabo.)

Muito mais Rosemary, certamente, com as
letras todas.

ROSEMARY — Maravilha. As letras.

PEDRÃO — Fizeram díctas, dona Pedrão.

PEDRÃO — Muito obrigada, Rosemary.

Pode-se aproximar para ver as letras.

PEDRÃO — Perfeitas. Esclarecidas. Esclarecidas. A dis-
posição não poderia estar melhor. Veja uma coisa de pa-
pêço. Anos 1 e 4, Herrera. Esclarecido, com todos os
dados sobre esta perseguição.

ROSEMARY — Isso tudo foi eu que fiz.

PEDRÃO — Essa senhora aqui no papel, está perfeita. (Olha
para a carta.) Veja uma aqui. De tal a impressão que a gra-
de da justiça é mais alta. Sente que a sua operação não
era tão alta assim. Veja uma página, doutor.

DOCTOR — O que é isso, Pedrão? O que é isso?

ROSEMARY — Mais material perfeito!

PEDRÃO — O laudo da elipse deu um ótimo resultado. Olha
aí, Herrera. Olha o ar de cultura de homem. Olha, que
trabalho maravilhoso. (Pega carta.) Meu Deus. Uma
que eu estava com medo. Uma aqui, é. De alta linha.
Perfeitos aparelhos de tortura em volta. Esclarecidos. Não
se fadava, o papel orgânico, a cadêira no tempo. Depois,
me diga a verdade. Com toda a sinceridade: é bom
para mim ou não é? Para para primos. Olha, dou-
tor, a tua tarefa das grades. O que se encontra todo a vida
e se projeta no chão fazendo um desenho simétrico, perfi-
so, um laudo perfeito. Herrera, não? Realmente uma

maravilha. Assim a desliza de fôlego do para todos. Per-
feitos!

DOCTOR — Sim, dizêdo, uma bela foto.

PEDRÃO — Vamos ao trabalho. Esclarecido, está no papel
lá na Commissão que eu vou procurar que está lá
com o tipo de estrutura de imprensa depois a parte.

ROSEMARY — Vamos, Rosemary.

PEDRÃO — Está não, Rosemary. Então não se movi-
da para você.

Esclarecido está para Rosemary, está para
Herrera que abate a cabeça. Foi um
do, mas não é isso nem assim. Mar-
ta não quer encerrar Rosemary. Des-
ta na máquina pronta para encerrar. O
Doutor fica olhando pela janela, comen-
do chorando.

DOCTOR — Chorando?

Dodi se aproxima e pega um chorinho.
Doutor dá um para Pedrão. Rosemary
se aproxima e pega a carta. Fica
muito comendo chorinhos. Pedrão se
aproxima de Rosemary e com a mão no
seu ombro a leva para dentro. Pedrão
volta sozinho. Pedrão pega a carta de
passo. Dodi entra. Pedrão pega a
carta de passo lá dentro. Consequentemente
está se girando de Rosemary e mudando de
passo.

Pedrão vai até onde está Herrera com
o papel na máquina. Vai começar a
dizer mas fica esperando no chão e se
muito nervoso. Esclarecido está com as

malos nos curules. Cessa a batalha lá
arriba.

PEREIRA — (Faz um papel de bobo.) Copie isso aqui.
As malpicas são sempre iguais.

Morre o papa e copia, começa a copiar.

PEREIRA — Bateado, depois você prepara o corpo do Bismarck para as fotos. Morreu enforcado pelo Antonio, o
operário. Não se esqueça.

*Sei Daddi lá da sala de guerra. Morre-
na continua copiando. Como ator, Da-
dell vem até a boca de cena e diz o se-
guinte texto.*

DADDI — (Faz o role, faz as malpicas de guerra.) An-
tonio Pereira da Silva era operário da Fábrica de Cha-
cotas, Bom-Me-Que, tinha esposa e três filhos e queria
comprar de salário. Era jornalista e queria fazer a sua
reportagem. Era estudante e queria fazer uma universi-
dade melhor. Ele era advogado e queria que as leis fossem
cumpridas. Ele era militar e queria que o país vivesse
em paz. Antonio tinha sido preso e uma bela entrevista
fez na sua garganta.

Enxerido coral.

VOZ OFF GRAVADA — Ninguém quer um chorotão?

Um
corde de 75 - não pade

